

## CONTATO COM MATERIAIS NÃO ESTRUTURADOS, INFLUENCIANDO A AUTONOMIA DOS BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Flaviane e Faria Caetano Ferreira<sup>1</sup>  
Silvana Pirinetti da Silva<sup>2</sup>  
Rosecley Aparecida Magalhães Severino<sup>3</sup>  
Walkiria Paulina da Silva<sup>4</sup>  
Elaine Gaiva Leal<sup>5</sup>

**RESUMO:** A Educação Infantil no Brasil é marcada pela dualidade cuidar e educar. Esta dualidade é ainda mais evidente no cotidiano do berçário, pois bebês têm necessidades e demandam das educadoras práticas além do que é considerado educacional. O relato de experiência conta com narração de situações vividas e que temos de experiência de práticas, para serem compartilhadas com os interessados por Educação, pois há descrição e análise de experiências vividas na sala de bebês de um ano, entrelaçadas com as teorias adotadas que permeiam nossas práticas, principalmente ao que se refere à trabalhos desenvolvidos com materiais não estruturados e placas interativas. É relatado também a forma como os bebês ingressam no mundo da imaginação, fantasia, percepções sensoriais e resolvem problemáticas de maneira singular utilizando o seu próprio corpo nas suas movimentações sobre os espaços.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Bebês. Autonomia.

**ABSTRACT:** Early Childhood Education in Brazil is marked by the duality of caring and educating. This duality is even more evident in the day-to-day life of the nursery, as babies have needs and require educational practices beyond what is considered educational. The experience report has a narration of vivid situations and practical experience, to be shared with those specific to Education, as there is a description and analysis of vivid experiences in the one-year-old baby room, intertwined with the proposed theories that permeate practices, especially with regard to work developed with unstructured materials and interactive boards. It is also reported how babies enter the world of imagination, fantasy, sensory perceptions and solve problems in a unique way using their own bodies in their movements through spaces.

**Keywords:** Early Childhood Education. Babies. Autonomy.

---

<sup>1</sup>Professora da Rede Municipal da Cidade de Cáceres – MT e da Rede Estadual de Mato-Grosso, formada em Pedagogia e pós-graduada em Gestão Escolar.

<sup>2</sup>Professora da Rede Municipal da Cidade de Cáceres – MT, formada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

<sup>3</sup>Professora da Rede Municipal da Cidade de Cáceres – MT, formada em Pedagogia e pós-graduada em Libras- Língua Brasileira de Sinais.

<sup>4</sup>Professora da Rede Municipal da Cidade de Cáceres – MT – Formada em Pedagogia e Pós Graduada em educação infantil - práticas na sala de Aula.

<sup>5</sup>Elaine Gaiva Leal, Professora da Rede Municipal de Cáceres – MT – Formada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia.

## INTRODUÇÃO

O presente relato é um chamado a reflexão ao tema respeito e autonomia na creche, enquanto teoria e prática, buscando consolidar o exercício da cidadania. Os bebês podem contribuir para o planejamento do professor? Como podemos possibilitar essa ação? E como o educador pode auxiliar a criança, mesmo na fase de bebê a desenvolver a sua autonomia, nos diversos espaços e situações do cotidiano da creche?

O nosso interesse por escrever sobre a autonomia na Educação Infantil, nasceu da necessidade de conhecer e aprofundar mais nesta fase, para que nossas práticas se tornassem mais significativas e pudéssemos obter resultados mais concretos. O objetivo deste trabalho consiste em descrever e analisar experiências vividas em uma das instituições da creche, e relatar algumas teorias que nos auxiliam a entender melhor essa fase e como desenvolver um currículo mais apropriado para esses pequenos.

A autonomia vai além da aptidão de tomar decisões e promove o desenvolvimento da consciência moral, a partir do qual se torna sujeito atuante no mundo, contando com apoio e interferências de adultos, que no âmbito escolar, somos nós, professoras e auxiliares de sala.

Os bebês e crianças bem pequenas, nos guiam sobre seu próprio currículo e desenvolvimento das habilidades necessárias para sua autonomia e desenvolvimento pleno e nossa contribuição fica a cargo de nutrir as experiências dos bebês em prol de seu amadurecimento social, físico, mental, intelectual e psicológico.

329

## DESENVOLVIMENTO

Como professoras atuantes na educação infantil, percebemos com a prática, que o bebê e a criança bem pequena, aprendem com o corpo. Tudo que está relacionado a descobertas e aprendizados, elas fazem com os sentidos. Nesta sugestão, as nossas atividades propostas estão sempre ligadas ao desenvolvimento corporal, mesmo que seja com foco em outras habilidades, ainda sim, fazemos por modo de ação, interação e contato com diversos tipos de materiais, texturas e até mesmo nosso próprio toque.

De acordo com a BNCC,

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. (BNCC 2009, p.37).

Na rotina de sala de aula, com a turma de bebês a partir de 1 ano de idade, assim como com crianças de um ano e seis meses até dois anos, embora em toda turma haja pouca diferença na idade, esses meses demonstram uma certa “vantagem” no aspecto motor, o que por vezes, utilizamos das maiores habilidades dos mais velhos, para trabalhar com os mais novos, na busca do amadurecimento motor amplo e fino, respeitando cada processo no seu tempo, mas utilizando da maturidade motora dos maiores, para propor atividades desafiadoras aos menores.

Durante o presente ano letivo, abordando atividades motoras com o objetivo de desenvolver a autonomia dos pequenos, começamos a introduzir materiais não-pedagógicos (não estruturados), assim dizendo, para que pudéssemos alcançar nossos objetivos, diante do desenvolvimento físico, emocional, psicológico e da autonomia dos nossos pequeninos alunos. Alguns dos recursos que utilizamos são: colheres, pás, formas variadas, facas de brinquedos, brinquedos que se assemelham com utensílios de cozinha, peneiras, copos, pratos, vasilhas, etc. Os materiais em sua maioria são de plástico, silicone e alguns de alumínio.

De acordo com Ferreira (1992), materiais não estruturados são,

Objetos simples e facilmente encontrados na natureza. Por não terem, necessariamente, tamanhos ou formas definidas, eles incitam a criança a criar e a fazer uso da imaginação. Pedacos de madeira, osso, argila e tecidos são exemplos de materiais facilmente encontrados pela criança e que podem se tornar instrumentos valiosos de criação. Assim, um pedaço de pau pode, de repente, se transformar em um cavalo, ou uma caixa de papelão em um esplêndido ônibus. (...) São brinquedos não estruturados: terra, água, papel, argila, pedras, marimbas, bolas, blocos de construção, cubos de encaixe, tintas de várias cores, lápis, giz, contas de enfiar, massa de modelagem, tecidos, chocalhos, caixas com tampas ou então sucatas que a criança reaproveita (p.26).

O uso de materiais não pedagógicos na educação de bebês tem se mostrado cada vez mais relevante e eficaz. Ao invés de brinquedos industrializados e com funções pré-determinadas, esses materiais simples e do cotidiano oferecem um leque de possibilidades para a exploração e o desenvolvimento infantil.

Esses materiais, “[...] com as intervenções das crianças, transformam-se em objetos brincantes, podendo, por sua plasticidade, transformar-se em muitas coisas. Não são brinquedos industrializados, que quase sempre possuem um único objetivo, com respostas previsíveis (MEIRELLES, 2016, p.16).

Dento dessa perspectiva, inserimos uma caixa com todos esses recursos, duas vezes na semana ou conforme necessidade, para que as crianças brinquem livremente ou de forma direcionada, com todos eles e que através do contato delas com esses materiais, pudessem ter a vivência de aprender coisas simples do cotidiano, de forma funcional, contribuindo para seu pleno desenvolvimento físico e emocional, assim como se tornando mais autônomo diante dos processos que eles passam diariamente.

Nossos bebês/crianças, ainda no primeiro semestre letivo, estão bebendo água no copo sem tampa, sabem beber com canudinho, fazem esquemas mais complexos de raciocínio para segurar o copo ou apoiá-lo, para que possa liberar sua outra mão para poder desempenhar outra função, como pegar um biscoito, segurar um pedaço de pão e comer. Na hora das refeições, começam a usar de estratégias, como por exemplo, tomar o suco no copo, devagar, sabendo que pode entornar o mesmo caso bebam depressa ou não preste atenção na dosagem, isso sem ser mais dependendo dos copos de bico.

Durante as refeições, praticamente todas elas não aceitam mais ajuda para se alimentarem, pois já conseguem sozinhas e cada dia que passa, derramando menos comida fora do prato, pois brincamos muito de fazer papá e dar papá na colher e trabalhamos muito, a percepção corporal e espacial de todas as crianças, assim como suas limitações. Sempre que estamos orientando na pegada dos talheres ou algo parecido, fazemos com os dois lados das mãos, direita e esquerda, mas respeitamos caso a criança já comece a despertar a preferência/dominância de um lado em específico.

Depois que inserimos a caixa com todos estes recursos e passamos a montar nossas atividades com ajuda de objetos como: colher, peneira, conchas, pratos, copos, entre outros, notamos que as crianças passaram a fazer mais conexões em quais diferentes situações poderiam utilizar esses recursos com destreza, para alcançar seus objetivos seja no desenvolvimento das atividades, seja em situações do cotidiano.

Durante a interação com esses materiais não estruturados, Majem (2010) destaca que, a criança,

Olha, toca, leva à boca, agita, aperta, leva ao ouvido, observa, esfrega no rosto e na cabeça, vira pelo avesso, amontoa, coloca dentro de algo e retira daí, coloca [de pernas para o ar], cheira, experimenta, tateia espaços e volumes, atira longe esses objetos. Constantemente busca diversas sensações e, quando está entusiasmada brincando, todo o seu corpo participa na brincadeira. Seu tronco move-se e contorce-se, suas mãos e seus pés coordenam-se, sua cabeça, pernas e braços movimentam-se, grita, ri e emite sons pré-verbais (p.24).

Outra atividade que inserimos na rotina, foi deixar canos de P.V.C, fixados em vários pontos da sala e que as crianças têm livre acesso e sempre que veem oportunidade, estão passando objetos por dentro deles e fazendo análise do tamanho dos objetos que passam com facilidade, os que não passam, os que ficam presos no meio do caminho e resolvendo problemas que já existiam ou que elas mesmas criaram. Elas fazem variadas tentativas do que cabe ou não nos canos, assim como tentam diversas vezes, até conseguirem o que querem. Logo nas primeiras semanas, já concluíram depois de variadas formas de tentativas, que os objetos só

passam pelo cano, quando colocados na entrada de cima dos canos, que por baixo, os objetos caem, sem passar pelo cano.

Quando os bebês/crianças estão brincando livremente, apenas observamos as sucessões de erros até o acerto e percebemos como eles transmitem a descoberta aos outros, principalmente através da repetição. Quando utilizamos de recursos mais elaborados ou que a criança ainda não tinha tido contato, deixamos para interferir ou orientar, em últimos casos ou dependendo da situação.

Os materiais de largo alcance ou não estruturados estão no viés de possibilidades de criação, de incentivo para a exploração, para a experimentação e construção de novas hipóteses pelas crianças. Ao interagirem, suscitam seu repertório constituído juntamente da descoberta de novas possibilidades oferecidas pelo ambiente e parcerias que podem se tornar desafiadoras e incentivadoras. (SESTARI, 2023).

O uso das placas interativas, apareceram em cena, depois que observamos que todos já conseguiam utilizar os talheres com destreza, principalmente. Placas sensoriais/interativas, também conhecidas como *busy boards* ou *painéis de atividades*, são ferramentas pedagógicas incríveis para estimular o desenvolvimento dos bebês. Elas são compostas por diversos elementos texturizados, coloridos e com diferentes funções, que despertam a curiosidade e a vontade de explorar do pequeno.

332

Usamos as placas para o desenvolvimento sensorial, através do toque, da visão e da audição, os bebês exploram diferentes texturas, cores e sons, enriquecendo seus sentidos. As habilidades motoras aparecem ao manipular os elementos da placa, como botões, zíperes, engrenagens e trava, o bebê desenvolve a coordenação motora fina e a força nas mãos. As placas sensoriais ajudam a desenvolver a resolução de problemas, a percepção espacial e a compreensão de causa e efeito. Trabalhamos com a independência ao permitir que o bebê explore a placa sozinho, desenvolvendo sua autonomia e confiança.

Essas placas contêm: interruptores, spiners, torneiras, fechaduras, travas, canos, zíperes, entre outros recursos, para que as crianças possam aprender a abrir e fechar torneiras, assim como acionar interruptores, fechar trancas e destravá-las, tudo que possamos utilizar para que nossas crianças sejam autônomas, resolvam situações problemas e aprendam a pensar em alternativas diferentes para alcançarem seus objetivos. Há quem diga que ensinamos “coisas” que não se devem para crianças, mas pensamos a partir do princípio de educar uma criança com

habilidades motoras ampla e fina, de forma funcional, que saibam utilizar do que se pode, para resolver problemas e que alcancem seus objetivos com maestria e destreza.

Ao manipular objetos como caixas de papelão, painéis, tecidos e outros materiais, os bebês são estimulados a criar suas próprias brincadeiras, desenvolvendo a imaginação e a capacidade de transformar objetos em algo novo. Os materiais não pedagógicos oferecem uma variedade de texturas, formas e sons, estimulando os sentidos do bebê e contribuindo para o seu desenvolvimento cognitivo. Ao explorar livremente os materiais, os bebês sentem-se mais independentes e seguros, construindo sua própria identidade e autoconfiança.

Fochi (2015, p. 131) salienta:

Acompanhar um grupo de crianças pequenas com materiais não estruturados pode trazer muitas questões para serem refletidas sobre o trabalho pedagógico, mas, sobretudo, pode ser uma pauta de observação para o adulto sobre as crianças e a construção dos seus saberes. Ao mesmo tempo, do ponto de vista da dinâmica do trabalho pedagógico, esses materiais criam uma atmosfera em que a imprevisibilidade ocupa um espaço importante: não sabemos o que as crianças farão e que sentido darão para eles naquele espaço com outras crianças.

Os materiais não pedagógicos permitem que os bebês estabeleçam uma relação mais próxima com o mundo que os cerca, explorando diferentes objetos e materiais do dia a dia, como exemplos de elementos da natureza: folhas, pedras, água, areia entre outros, para estimular os sentidos e a curiosidade dos bebês. Com objetos do cotidiano podemos citar: caixas de papelão, painéis, colheres de pau, tecidos, esponjas e outros objetos podem ser transformados em brinquedos incríveis, como já mencionados aqui. Os materiais reciclados têm seu brilho e vez, como exemplos usamos: garrafas pet, rolos de papel higiênico, tampinhas de garrafa e outros materiais reciclados podem ser utilizados para criar brinquedos educativos e sustentáveis.

Entre os cuidados necessários, considero usar uma quantidade adequada de materiais para se antecipar a situações de conflito por disputa de objetos. Recomendo considerar também a segurança das crianças e, ainda que sejam momentos de livre escolha e de construção de hipóteses corporais para os pequenos, o professor será aquele que se mostra disponível para acompanhar a criança, compreendendo que o nível de desafio, bem como os interesses, serão particulares para cada um. Ainda assim, o professor pode apresentar possibilidades e realizar incentivos. (SESTARI, 2023)

Nossa oferta é feita por tipos de materiais de acordo com o planejamento e oferecemos uma variedade de materiais para que os bebês possam explorar diferentes texturas, formas e tamanhos, analisando peso, etc. Por vezes, criamos dentro de sala, ambientes, como o tatame ou cabanas feitas com os berços virados ou somente lençóis e cadeiras, até mesmo uma mesa

pequena, mas que possam servir de ambiente acolhedor para o desenvolvimento da criatividade e imaginação com tranquilidade. Nestes momentos apenas oferecemos materiais, e observamos, interferindo o menos possível, para que os próprios bebês possam ampliar sua capacidade de raciocínio, esquema corporal e resolução de problemas, lembrando que os materiais são selecionados de acordo com a idade e as habilidades pretendidas como objetivos a serem alcançados, mas a interação do adulto durante as brincadeiras com bebês é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, reconhecemos que toda interação vai muito além de apenas divertir o bebê, ela proporciona um ambiente rico em estímulos, afeto e aprendizado e proporcionamos um ambiente rico em estímulos, afeto e aprendizado. O adulto contribui para a formação de um indivíduo mais seguro, confiante e preparado para enfrentar os desafios da vida, mas o fazemos de forma a não interferir no protagonismo dos bebês.

Durante essa brincadeira exploratória, Majem destaca que,

Enquanto brinca, a criança olha, toca, leva à boca, agita, aperta, leva ao ouvido, observa, esfrega no rosto e na cabeça, vira pelo avesso, amontoa, coloca dentro de algo e retira daí, coloca de ponta cabeça, cheira, experimenta, tateia espaços e volumes, atira longe esses objetos... Constantemente busca diversas sensações e, quanto está entusiasmada brincando, todo seu corpo participa da brincadeira. Seu tronco move-se, pernas e braços movimentam-se, grita, ri e emite sons pré-verbais. (MAJEM, 2010, p.24).

Em resumo, o uso de materiais não pedagógicos na educação de bebês é uma prática simples e eficaz para promover o desenvolvimento integral da criança, estimulando a criatividade, a autonomia e a aprendizagem. Ao oferecer um ambiente rico em estímulos e oportunidades de exploração, estamos proporcionando aos bebês as melhores condições para crescerem felizes e saudáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato tem a intenção de provocar uma reflexão nas práticas de todos os profissionais de educação, principalmente os que estão iniciando na educação infantil com bebês e crianças bem pequenas, porque por vezes se sentem perdidos e desamparados, sem didática suficiente para trabalhar com essa faixa etária, devido ao preparo do desenvolvimento das atividades em prol da autonomia deles, respeitando as diferentes vivências e interações com os materiais não estruturados e que por serem de fácil acesso e presente no cotidiano nas crianças, amparam nossa estrutura de trabalho no processo de desenvolvimento integral, contribuindo para a formação da identidade e ampliando a sua autonomia.

Consideramos a autonomia o ponto chave do processo de desenvolvimento infantil onde podemos trabalhar coordenação motora ampla, fina, habilidades artísticas, oralidade e imaginação, e tudo isso agregado com o brincar e brinquedos, sendo estes, estruturados ou não, com utilização das placas sensoriais/interativas, que viabilizam uma vivência única, gerando uma forma enriquecedora de experiências assim como é uma das formas mais prazerosas e dinâmicas de trabalho, tendo sucesso garantido com os bebês e crianças bem pequenas.

Dessa forma, podemos concluir que contato com os materiais não estruturados **se revela como uma ferramenta pedagógica fundamental na educação infantil, pois** proporciona um ambiente rico e desafiador, onde estimula a autonomia, criatividade e aprendizagem, oferecendo assim inúmeros benefícios para seu desenvolvimento integral.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf) Acesso em: 23 set. 2022.
- Brincar com os filhos virou coisa de adulto: a importância da interação**. 2019. Escola da Inteligência: <https://escoladainteligencia.com.br/blog/brincar-com-os-filhos-virou-coisa-de-adulto-a-importancia-da-interacao/>. Acesso em 10/08/2024.
- FERREIRA, Sueli C. **A Indústria do brincar. Dissertação: Fundação Getúlio Vargas: Instituto de Estudos Avançados em Educação**. Rio de Janeiro, 1992.
- FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.
- SESTARI, Paula. Como usar materiais de largo alcance ou não estruturados na Educação Infantil. 18/07/2023. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21721/como-usar-materiais-de-largo-alcance-ou-nao-estruturados-na-educacao-infantil>. Acesso em 10/08/2024.
- MAJEM, Tere; ÒDNA, Pepa. **Descobrir brincando**. São Paulo: Autores Associados, 2010.
- MEIRELLES, Darciana da Silva. **Brincar heurístico: a livre e espontânea das crianças de 0 a 3 anos de idade**. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência na educação Infantil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/152904> Acesso em: 23 set. 2024.
- O uso de materiais não estruturados nas brincadeiras**. Disponível em: O uso de materiais não estruturados nas brincadeiras - DreamKids. Acesso em 10/08/2024.